

A adaptação do indivíduo ao mundo externo segundo a teoria de Sándor Ferenczi

The adaptation of the individual to the external world according to Sándor Ferenczi's theory

João Alves Maciel Neto¹

Fátima Caropreso²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar e discutir a teoria elaborada por Sándor Ferenczi sobre a adaptação do indivíduo ao mundo externo. A partir de hipóteses relacionadas à transição do *princípio do prazer* ao *princípio de realidade*, o autor contribui para a compreensão de aspectos importantes do desenvolvimento do psiquismo. Ele procura elucidar como ocorre a adaptação do indivíduo à realidade externa, tanto em seu caráter egóico quanto erótico, e aborda os processos adaptativos junto a considerações ontogenéticas e filogenéticas. Concluimos que Ferenczi elaborou uma teoria metapsicológica original sobre a adaptação do indivíduo ao mundo externo. Suas concepções metapsicológicas merecem maior atenção e divulgação, para que sua importância para a história da psicanálise possa receber o devido reconhecimento.

Palavras-chave: Ferenczi; psicanálise; metapsicologia; adaptação; princípio de realidade.

Abstract: *This article analyze and discuss Sándor Ferenczi's theory on the adaptation of the individual to the e external world. Starting from the hypotheses towards the transition from the pleasure principle to the reality principle, the author contributes to the comprehension of important aspects regarding the psychic development. His theory aims to elucidate how the adaptation of the individual to the external world occurs, both in its egoic and erotic aspects. He broaches the adaptive processes along with ontogenetic and phylogenetic considerations. We conclude that Ferenczi developed an original metapsychological theory on the adaptation of the individual to the external world and that his metapsychological conceptions deserve greater attention and spreading, so his importance to the psychoanalytical movement can receive its deserved recognition.*

Keywords: *Ferenczi; psychoanalysis; metapsychology; adaptation; reality principle.*

¹ Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil (2020). Pesquisador da Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil.

² Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos, Brasil (2006). Professora Associada da Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil.

1. Introdução

O psicanalista húngaro Sándor Ferenczi foi uma presença importante no cenário psicanalítico de sua época. Nos anos que seguiram seu primeiro encontro com Freud, em 1908, ele passou a ser um nome em destaque na psicanálise e publicou vários artigos, que deram origem a novos conceitos ou reutilizaram conceitos previamente formulados por outros autores. Em 1913, ele se tornou presidente da recém fundada *Sociedade Psicanalítica de Budapeste* e, em 1918, tornou-se o primeiro professor de psicanálise em uma universidade. Pela primeira vez a psicanálise era institucionalizada em um local de ensino (Gutiérrez-Peláez, 2013).

Ferenczi propôs inovações técnicas ousadas e questionou postulados psicanalíticos, o que fragilizou sua relação com Freud e, conseqüentemente, com seus seguidores (Rachman, 2007). Questões acerca do fim da análise e das experiências com a técnica ativa são alguns dos exemplos das divergências de opiniões que o levaram a um isolamento cada vez maior dentro do meio psicanalítico. Em razão disso, depois de sua morte precoce, em 1933, muitas de suas contribuições foram obscurecidas (Balint, 1967).

A obra de Ferenczi passou a ser revisitada principalmente a partir da década de 1980, após impasses encontrados na adaptação da psicanálise a contextos mais contemporâneos. Seus textos foram então redescobertos e traduzidos em diversas línguas (Kupermann, 2019). O foco dos pesquisadores que passaram a se interessar por Ferenczi se concentrava sobretudo nos novos recursos técnicos criados por ele. No entanto, sua contribuição transcende esse aspecto, pois encontramos em sua obra uma teoria metapsicológica sofisticada, que representa um acréscimo/avanço importante para a compreensão dos fenômenos mentais (Labaki, 2014; Caropreso, 2019).

Como apontam Mészáros (2014), Herzog & Pacheco-Ferreira (2015) e Kupermann (2019), Ferenczi demonstrava um interesse especial pelos primeiros anos do desenvolvimento do eu e, pelas relações objetais iniciais. Em *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913a/1916), procurou responder uma questão deixada em aberto por Freud (1911/2010) relativa à maneira como se daria a passagem do *princípio do prazer* ao *princípio de realidade*. Para tentar suprir essa lacuna, formula

uma série de hipóteses a respeito do processo de transição entre esses princípios no que se refere ao desenvolvimento das pulsões do Eu.

A tese elaborada por Ferenczi nesse momento continuou sendo desenvolvida em publicações subsequentes, especialmente *Thalassa* (1924/1993) e *O problema da afirmação do desprazer* (1926/1927). Em *Thalassa*, é apresentado um conceito sobre o desenvolvimento do sentido de realidade erótico, ou seja, da forma como as pulsões sexuais são subordinadas ao princípio de realidade. Também se discute de que forma uma percepção mais desenvolvida do mundo externo pode auxiliar no funcionamento das funções de autoconservação e reprodução do indivíduo e na sua adaptação às demandas da realidade. Já no texto sobre a afirmação do desprazer, são feitas algumas considerações sobre os processos internos que acompanham a adaptação à realidade.

Dessa forma, encontramos em sua obra uma ampla teoria sobre o processo de adaptação do indivíduo ao mundo externo. Ferenczi elaborou uma série de hipóteses sobre os fatores ontogenéticos e filogenéticos envolvidos nesses processos, as quais procuraremos discutir nesse artigo. A escassez de trabalhos voltados para o pensamento metapsicológico do autor justifica uma maior atenção a esse aspecto de sua obra.

2. O desenvolvimento do sentido de realidade

Em *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913a/1916), Ferenczi formula uma rica teoria sobre o pensamento e o desenvolvimento do sentido de realidade, a qual parte de premissas freudianas, mas vai além e adquire seu próprio contorno.

Para Ferenczi, embora Freud tenha formulado uma teoria sobre a passagem do princípio de prazer ao princípio de realidade, ele “não deixa respondida a questão de se o desenvolvimento da segunda forma de atividade mental pela primeira acontece gradualmente ou em uma série de etapas” (Ferenczi, 1913a/1916, p. 182). A partir dessa consideração, o autor formula uma teoria de acordo com a qual o psiquismo passaria por uma série de estágios ao longo dos quais a onipotência inicial seria gradualmente abandonada dando lugar a uma percepção mais realista do mundo externo.

Um aspecto importante do pensamento do autor, como indicam Figueiredo (1999) e Brum (2019), consiste na relevância da dimensão ambiental na constituição psíquica do

sujeito e aponta que o psiquismo, na concepção de Ferenczi, não apenas se funda sob influência do mundo externo, como se sofisticava a partir dela.

Através da análise de alguns pacientes que sofriam de neurose obsessiva, Ferenczi (1913a/1916) pôde constatar e reafirmar algumas características especiais deste quadro, como a sensação de onipotência do pensamento obsessivo e seu exacerbado distanciamento da realidade concreta, por exemplo, de que algo ruim ocorrerá se determinada ação não for realizada. Ele então questiona em que etapa do desenvolvimento psíquico a criança apresentaria a capacidade de conceber pensamento e ação como semelhantes. Nessa fase, os processos de inibição, adiamento e elaboração do pensamento ainda não teriam se interposto entre o desejo e a ação. Tendo em vista responder essa pergunta o autor, identifica uma série de estágios do desenvolvimento psíquico pelos quais o sujeito passaria gradualmente durante o processo de sobreposição do princípio de realidade sobre o do prazer.

Ferenczi (1913a/1916) argumenta que há um período no desenvolvimento humano em que os desejos da criança são realizados não apenas de forma alucinatória, como propusera Freud (1900/2012), mas também de forma fatural e efetiva. Tal período corresponderia à vida intrauterina do bebê, visto que nela a necessidade de modificação do mundo externo seria nula, pois o corpo da mãe automaticamente forneceria tudo que o bebê necessitasse, sem que ele precise desejar ou considerar a realidade.

De forma a defender esse período como o primeiro da vida mental, Ferenczi afirma que “seria insensato acreditar que a mente só inicia o seu funcionamento no momento do nascimento” (1913a/1916, p. 186) e acrescenta que esse funcionamento seria totalmente inconsciente. A primeira impressão mental de todo ser humano seria, portanto, a de completa onipotência. Esse estágio inicial é nomeado por Ferenczi *Período de onipotência incondicional*. Kupermann (2019) esclarece que essa impressão primordial de tudo se ter e nada desejar “seria, a um só tempo, a gênese e o destino almejado pelo princípio do prazer” (p. 102).

A vida mental do bebê apresentaria uma continuidade com os processos psíquicos intrauterinos e os traços desses teriam influência em todo o material psíquico posterior. Após o nascimento, a criança passaria a vivenciar a realidade fora do corpo da mãe e suas necessidades não seriam mais instantaneamente satisfeitas, o que culminaria nos choros

e gritos descoordenados diante de estímulos perturbadores endógenos, como a fome, ou exógenos, como o barulho e a variação de temperatura. Considerando a presença de um cuidador atento³, ao menor sinal de perturbação esse rapidamente buscaria livrar a criança do estímulo perturbador.

Nesse momento, de acordo com Ferenczi (1913a/1916), a satisfação do desejo ocorreria de forma totalmente alucinatória e visaria recuperar a situação de onipotência há pouco vivida no útero. Retomando as hipóteses freudianas sobre a vivência de satisfação (1900/2012), ele diz que: “o primeiro impulso de desejo da criança, portanto, não pode ser outro que retomar esta situação. O curioso é que – pressupondo que a criança seja normalmente cuidada – essa alucinação é de fato realizada” (Ferenczi, 1913a/1916, p. 188). Com isso, é possível inferir que, para Ferenczi, a primeira vivência psíquica de satisfação que o bebê tentaria incessantemente reviver não seria algo como a cessação da fome, do modo que Freud (1895/1950/2003; 1900/2012) propusera, mas a própria vivência primordial intrauterina e a sensação inconsciente de onipotência dela derivada.

A esse segundo estágio do desenvolvimento do sentido de realidade, Ferenczi (1913a/1916) dá o nome de *Período de onipotência mágico-alucinatória*. Até esse momento da vida psíquica, a sensação subjetiva de onipotência da criança teria se alterado apenas em pequeno grau, dado que os objetos desejados seriam investidos de forma alucinatória e a satisfação das necessidades ocorreria de forma quase imediata, sem a necessidade de nenhuma modificação do mundo externo por parte da criança. Nessa fase, ainda não estaria presente a diferenciação entre as realidades interna e externa. O sono e o sonho seriam retomados desse período.

Os desejos, aos poucos deixariam de ser imediatamente satisfeitos, de forma que a criança vivenciaria um desprazer por um certo período de tempo e passaria a ter que encontrar novas maneiras de alcançar a sua realização. Ela se encontraria então numa nova condição, em que a emissão de sinais, através do aparelho motor, se tornaria cada vez mais necessária para que suas necessidades pudessem ser identificadas e atendidas

³ Embora nesse momento Ferenczi não indique o que ocorreria com a criança em um ambiente hostil, em um texto posterior, chamado *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (Ferenczi, 1929/1955), o autor apresenta as consequências de uma criança ser mal recebida por seu ambiente à luz das inovações teóricas trazidas pelo segundo dualismo pulsional (cabe lembrar que o texto sendo aqui analisado data de 1913). Como essas considerações não se referem à aquisição do sentido de realidade, mas à teoria do trauma, não abordaremos esse desdobramento da teoria relativos a vivências iniciais em um meio hostil.

pelos outros. Assim, surgiria uma primeira falha no modelo alucinatório de satisfação: enquanto anteriormente os atos de chorar ou debater-se, por exemplo, consistiam em descargas motoras descoordenadas, agora seriam utilizados como sinais mágicos indicando certa perturbação. Ferenczi aponta uma crescente complexidade no desejo e, respectivamente, no necessário para sua satisfação.

Notemos como a onipotência dos seres humanos passa, com o aumento na complexidade dos desejos, a depender, cada vez mais de *condições*. Estas manifestações eferentes logo tornam-se insuficientes para provocar o estado de satisfação. À medida que os desejos tomam formas cada vez mais especiais com o desenvolvimento, eles demandam sinais progressivamente mais especializados (Ferenczi, 1913a/1916, pp. 190-191).

Com essa nova necessidade da realização de gestos mais controlados e elaborados, a criança ingressaria em um terceiro estágio, denominado *Período de onipotência pela ajuda de gestos mágicos*. Sobre esse processo de transição, Kupermann (2003/2019) indica ser possível perceber que duas forças contribuem para o desenvolvimento psíquico. De um lado, a crescente ousadia dos desejos: quanto mais o sujeito passa a conhecer o mundo externo, mais dele pode desejar. De outro, a crescente potência adversa do mundo externo, exigindo do sujeito que se desenvolva ainda mais para que possa transpô-la.

Assim, na medida em que as condições para a satisfação dos desejos aumentassem, o número de vezes em que não seriam satisfeitos também aumentaria, o que abalaria a eficácia dos gestos mágicos. E o mundo externo teria que ser levado ainda mais em consideração, de forma que as barreiras entre o desejo e sua satisfação pudessem ser mais bem identificadas e superadas. Uma ruptura na sensação de unidade entre o eu e o mundo externo se faria, então, necessária para que o último pudesse ser melhor compreendido. Tendo isso em vista, Ferenczi (1913a/1916) diferencia duas fases de desenvolvimento do eu: uma fase de introjeção, na qual as experiências estariam todas incorporadas no eu, e uma fase de projeção, na qual o mundo externo seria considerado⁴.

⁴ Os conceitos de *projeção* e *introjeção* podem ser mais profundamente compreendidos através da leitura de *Transferência e Introjeção* (Ferenczi, 1909/1916). Nesse texto, o autor indica que, enquanto o paranóico projeta suas emoções no mundo através de um mecanismo chamado projeção, o neurótico procura incluir em si o que pode do mundo externo através da introjeção. Tais mecanismos se encontram em todo sujeito com funcionamento psíquico normal e são exacerbados nas patologias. Quanto à ordem de instauração desses processos no psiquismo, Brum (2019) elucida que inicialmente apenas a introjeção operaria no psiquismo, em um momento no qual tudo é tido pela criança como pertencente ao eu e, após a instauração

A primeira corresponderia aos estágios de onipotência e a segunda ao estágio de realidade.

Após o período de onipotência, pela ajuda de gestos mágicos, a criança passaria por um período animista na apreensão da realidade (Ferenczi, 1913a/1916). Durante este período, ela investiria no mundo externo qualidades encontradas nela própria, de maneira a encontrar nele coisas presentes em seu próprio eu. Dessa forma, seriam estabelecidas as mais íntimas relações simbólicas entre o corpo e o mundo objetivo. Por um lado, a criança veria no mundo apenas representações de sua corporalidade, por outro, aprenderia a representar corporalmente a diversidade do mundo externo, aperfeiçoando, por exemplo, a realização de gestos. Seria a partir da impositiva realidade externa que o eu passaria a reconhecer e diferenciar tanto um mundo externo quanto um interno, dando um importante passo no desenvolvimento psíquico (Bastos, 1993).

Após a passagem por esse período animista, e a partir dos desenvolvimentos psíquicos por ela alcançados, uma das novas formas que a criança encontraria de utilizar o corpo para melhor expressar as especificidades de seu desejo seria pela fala. Em um ensaio anterior, sobre a utilização de palavras obscenas, Ferenczi (1911/1916) já havia considerado o desenvolvimento gradual da fala como uma forma mais efetiva e econômica de representação do desejo. O que autor faz então é desenvolver essa ideia e inserí-la em sua teoria sobre o sentido de realidade. Iniciando com a imitação de sons e barulhos, a capacidade da fala gradativamente substituiria a utilização de gestos. Isso permitiria à criança representar uma multiplicidade de objetos e processos relativos ao mundo externo, com maior precisão e menor dispêndio de energia (Ferenczi, 1913a/1916).

Ferenczi comenta que é de forma concomitante ao desenvolvimento da linguagem que a consciência se instala no psiquismo.⁵ Segundo ele, “o pensamento consciente por meio de signos verbais é a maior realização do aparelho psíquico e sozinho faz o ajustamento à realidade possível através do retardamento da descarga motora reflexa e da liberação do desprazer” (Ferenczi, 1913/1916c, p. 195). Através desse desenvolvimento

do mecanismo de projeção, um segundo processo introjeção se daria, este apenas de partes do mundo para fins de mediação entre as realidades interna e externa.

⁵ Ferenczi retoma essas ideias de *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2012).

do pensamento consciente e da fala, a criança ingressaria em um novo estágio, chamado *Período de pensamentos mágicos e palavras mágicas*. A sensação de onipotência, porém, ainda seria parcialmente preservada, visto que o cuidador seguiria buscando compreendê-la e satisfazer seus desejos. É também a este estágio que Ferenczi atribui o retorno psíquico do paciente acometido pela neurose obsessiva. Como mencionamos, um dos motivos que o incitou a realizar essa investigação foi compreender a ilusão de onipotência dos pensamentos e das palavras presentes nesse quadro.

Seria através da separação psíquica dos pais – o que varia de sujeito para sujeito – que o princípio do prazer encontraria o fim de seu domínio. Embora Ferenczi (1913a/1916) não esclareça a razão exata, é possível pressupor que isso ocorreria pelo fato de, a partir de certa idade, os pais pararem de suprir os desejos de seus filhos, liberando-os ao mundo. O triunfo do princípio de realidade, por sua vez, se daria através do pensamento científico e da conclusão, por parte do sujeito, de que a realização de seus desejos e pensamentos tem como condição diversas condições interpostas pelo mundo entre o eu e a situação de satisfação. “O sentido de realidade encontra seu zênite na ciência, enquanto a ilusão de onipotência vivencia aí sua maior humilhação: a onipotência anterior dissolve-se em meras *condições*” (Ferenczi, 1913a/1916, p. 197).

Por fim, o último estágio no desenvolvimento do sentido de realidade, o *Período científico*. Embora no texto sobre o sentido de realidade Ferenczi não fale claramente do período científico enquanto estágio, mas apenas enquanto um triunfo do princípio de realidade, em *O problema da afirmação do desprazer* (1926/1927) ele retoma esse ponto, que considera ser o último no desenvolvimento do sentido de realidade. Além de indicar o maior abandono da ilusão de onipotência como a sua principal característica, o autor também acrescenta que nele os processos de introjeção e projeção passariam a ser complementares, fatores que viriam a permitir que o mundo externo viesse a ser devidamente reconhecido e experienciado.

A descrição do desenvolvimento do sentido de realidade apresentada em *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* diz respeito apenas às pulsões de autoconservação. Ferenczi (1913a/1916) considera que as pulsões sexuais permaneceriam no período de onipotência incondicional até o fim do modelo autoerótico de satisfação, que consistiria no *estágio autoerótico*. Em seguida, o sujeito ingressaria no

estágio narcísico, no qual o eu se manteria como objeto autoerótico de satisfação mesmo após ser capaz de investir eroticamente objetos do mundo externo, de forma que a onipotência seria preservada. Posteriormente, em *Thalassa* (1924/1993), Ferenczi aborda de forma aprofundada como se daria a subordinação das pulsões sexuais ao sentido de realidade, como veremos a seguir.

As considerações de Ferenczi sobre as pulsões sexuais desenvolvem diretamente a ideia de Freud presente em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911/2010): que essas pulsões ficariam por muito mais tempo sob o domínio do princípio do prazer, devido ao seu caráter autoerótico. A descrição desses dois estágios por Ferenczi, de acordo com Kupermann (2003), pode ser considerada não apenas inédita, como também uma antecipação de elementos da teoria freudiana do narcisismo, a qual só veio a ser publicada um ano depois. Essa constatação é reforçada ao notarmos que o texto de Ferenczi é referenciado por Freud em *Introdução ao Narcisismo* (1914/2010). Desse modo, no que se refere a relação entre a sexualidade e a realidade, “o narcisismo se colocaria como o obstáculo maior para o primado definitivo de um sentido de realidade destacado do princípio do prazer” (Kupermann, 2003, p. 105).

Moreno e Coelho (2013) resumem bem o processo geral de transição de um princípio ao outro, ao indicarem que tem como implicação um paradoxo. Enquanto experimentar a onipotência permitiria a emergência de desejos mais e mais elaborados, atrelada a isso viria a necessidade de abandonar a própria onipotência para realizá-los. Tendo em vista o que foi trazido até aqui, podemos dizer que o desenvolvimento do sentido de realidade consiste em uma adaptação necessária e gradual do ser humano ao mundo externo devido às demandas impostas por este.

Em geral, o desenvolvimento do sentido de realidade é representado por uma sucessão de recalamentos, às quais a humanidade foi compelida, não por *sacrifícios rumo ao desenvolvimento*, mas por necessidade, por um ajustamento a uma renúncia demandada. O primeiro grande recalamento faz-se necessário pelo processo de nascimento, o qual certamente ocorre sem qualquer cooperação ativa, sem nenhuma *intenção* por parte da criança. O feto permaneceria muito melhor por mais tempo dentro do útero sem qualquer perturbação, mas é cruelmente trazido ao mundo e precisa esquecer (recalcar) os tipos de satisfação aos quais havia se afeiçoado, e se ajustar aos novos. O mesmo jogo cruel é repetido em cada novo estágio do desenvolvimento (Ferenczi, 1913a/1916, pp. 200-201).

Haveria então no indivíduo uma tendência a reestabelecer a constância tensional experimentada naquele primeiro momento em que o meio provia tudo o que era necessário à existência (Dal Molin, Coelho & Cromberg, 2019).

Likierman (2012) sumariza a conclusão principal desse artigo com base na escolha dos termos adotados por Ferenczi: falar em um *sentido de realidade* indica que o indivíduo não chega a experienciá-la de forma completamente pura. Em cada fase superada tenta alcançar o máximo de um *sentido* de realidade possível, ainda que a ilusão de onipotência encontre uma forma de se manter.

Essa ideia vai ao encontro da consideração feita por Kupermann (2003) de que o sentido de realidade se desenvolve não apenas pelas frustrações impostas à realização do desejo, mas também pelas aquisições promovidas pela busca a essa realização. O autor afirma que “constituição pulsional humana é, também, criadora de uma vontade que faz com que o psiquismo não se acomode definitivamente a nenhuma aquisição já efetuada” (Kupermann, 2003, p. 100). Embora esse ponto ainda esteja implícito nesse momento da teoria, ele será posteriormente abordado por Ferenczi a partir de ideias relativas ao desenvolvimento psíquico, potencializado por um meio acolhedor, de um sujeito que ativamente quer se desenvolver (Ferenczi, 1928/1955; Kupermann, 2019).

As adições realizadas por Ferenczi à metapsicologia em seu texto sobre o sentido de realidade não passaram despercebidas por Freud, que naquele momento considerou o artigo “o melhor e mais significativo de todos dentre os que o Sr. [Ferenczi] colaborou para a psicanálise” (Freud & Ferenczi, 1994, p. 189). Ferenczi não encerra aí sua teorização sobre o sentido de realidade. Em *Thalassa* (1924/1993) ele expande o escopo de suas ideias sobre o desenvolvimento das pulsões sexuais e apresenta hipóteses sobre como obstáculos advindos do mundo externo permitiriam uma maior adaptação à realidade, tanto no plano ontogenético quanto filogenético.

3. O desenvolvimento do sentido de realidade erótica

Em 1915, ao traduzir para o Húngaro os *Três Ensaios sobre uma Teoria da Sexualidade* de Freud, Ferenczi começou a levantar suas primeiras hipóteses referentes ao que nove anos depois viria a ser lançado com o nome de *Thalassa: ensaio sobre uma teoria da genitalidade* (Ferenczi, 1924/1993). Muitas das ideias presentes nesse texto,

dedicado essencialmente ao estudo do desenvolvimento ontogenético e filogenético da genitalidade, relacionam-se ao desenvolvimento do sentido de realidade, ao papel da adaptação ao mundo externo no desenvolvimento da sexualidade, à relação desta com o desejo de regressão a um estado anterior e ao segundo dualismo pulsional.

Na terceira seção do primeiro capítulo de *Thalassa*, intitulada *O desenvolvimento do sentido de realidade erótica e seus estágios*, Ferenczi retoma diretamente algumas hipóteses introduzidas em seu artigo sobre o sentido de realidade, complementando-as, ao formular e descrever o chamado *sentido de realidade erótica*. Enquanto o desenvolvimento do sentido de realidade do eu estaria predominantemente “servindo à função de autopreservação” (Ferenczi, 1913a/1916, p.198), o sentido de realidade erótica estaria ligado às pulsões sexuais e ao desenvolvimento da atividade sexual. Para isso, apoia-se nas fases do desenvolvimento psicosssexual descritas por Freud em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016). Ele comenta:

No que se segue vou tentar, a título de complemento dessas ideias, descrever as fases de desenvolvimento da sexualidade tal como as conhecemos pelos trabalhos de Freud, ou seja, como uma série de tentativas, no início hesitantes e rudimentares, depois cada vez mais explícitas, para retornar ao seio materno, enquanto a fase terminal de toda essa evolução, o desenvolvimento da função genital, representa o paralelo erótico da *função de realidade*, ou seja, o acesso ao *sentido de realidade erótica* (Ferenczi, 1924/1993, p. 270).

De maneira semelhante ao desenvolvimento do sentido de realidade do eu, o sentido de realidade erótica também se desenvolveria através de uma série estágios até atingir sua plena realização. Além da teoria freudiana relativa às fases do desenvolvimento psicosssexual, é importante notar que Ferenczi, nesse momento, também está desenvolvendo questões que, como indica Mezan (1999), já haviam sido formuladas anteriormente por Karl Abraham (1877-1925), relativas à pré-genitalidade. O que Ferenczi traz de novo é conceber o desenvolvimento da sexualidade como uma série de estágios em que o indivíduo, através das limitações impostas à libido pela realidade externa, busca formas mais efetivas para tentar retornar ao seio materno e recuperar a sensação de onipotência vivenciado no início da vida.

O primeiro desses estágios, segundo Ferenczi (1924/1993), consiste na *fase do amor objetal passivo*, e seu erotismo seria totalmente oral. Nessa fase, os cuidadores da

criança estariam encarregados de manter a ilusão da sensação intrauterina há pouco experienciada, assim como ocorreria no primeiro estágio relativo ao desenvolvimento do sentido de realidade do eu. A criança, que vivera como um endoparasita no corpo da mãe durante o período intrauterino, encontra-se, após o nascimento, em uma condição ectoparasitária em não precisa preocupar-se com atividades de alimentação ou eliminação, passivamente amando o ambiente ao seu redor. A única atividade realizada, de fato, é mamar – e a atividade de sucção permanece como elemento de toda a atividade erótica posterior. Isso seria visível já no próprio ato do bebê de sugar o polegar, visto que, nesse ato, não há nenhum ganho alimentício, de forma que ele consiste na primeira atividade puramente libidinal própria desse período. A mãe, aos poucos, vai distanciando-se do bebê e diminuindo o processo de amamentação, conforme ele adquira as habilidades necessárias para a mastigação. A criança, entretanto, continuaria desejando voltar à, cada vez mais distante, quietude encontrada no corpo materno. A criança ingressaria, então, na *fase canibalesca*, na qual, com os dentes e a serviço de tendências libidinais, tentaria impulsivamente prender-se novamente à mãe em uma tentativa de adentrá-la.⁶

Por sua vez, o aspecto agressivo presente na ação canibalesca, se manifestaria de forma completa na organização psicosssexual sádico-anal. Nessa *fase de introjeção* a criança rebela-se, contrariando as ordens dos adultos relativas às suas funções intestinais. Com isso, passa a equilibrar-se em meio às atividades de retenção e eliminação, nas quais, devido à introjeção ao afastamento da mãe, passa ativamente a conservar suas excreções em si, como a mãe uma vez a conservou, ou as expulsar, como a mãe gradativamente tem feito.

Ferenczi (1924/1993) aponta que o período seguinte, o masturbatório, deve ser considerado um estágio à parte, visto ser a fase em que inicia o primado da zona genital. Não obstante, o autor considera que, nessa fase, também estariam contidas grandes quantidades de libido sádico-anal obtidas através da introjeção e dos processos de retenção e expulsão na fase anterior. A partir do período masturbatório, o indivíduo já se encontraria apto a retomar a sensação de onipotência através do retorno ao corpo materno

⁶ Essa espécie de canibalismo representa algo de ordem libidinal, e não da ordem da pulsão de morte como no pensamento de Melanie Klein (Figueiredo, 1999).

mediante o uso da zona genital. Seria nessa fase, no entanto, que se instauraria o complexo de Édipo, a proibição da realização de tal desejo e a angústia da castração.

Uma diferença, no entanto, se daria em relação ao homem e à mulher. Enquanto o homem buscaria tal retorno de forma efetiva através de seu órgão erétil, à mulher restaria a fantasia. Almeida (2009) ressalta que a descrição ferencziana da genitalidade prioriza o ponto de vista masculino, deixando o feminino defasado.

Seria então com a chegada ao período masturbatório e o início da primazia genital que o desenvolvimento do sentido de realidade erótica encontraria seu ápice. Os períodos do desenvolvimento psicosssexual seguintes – período de latência em diante –, concebidos por Freud (1905/2016), não são abordados por Ferenczi, visto estarem englobados na primazia genital. Ferenczi considera que o período oral, o qual engloba as fases do *amor objetal passivo e canibalesca* do desenvolvimento do sentido de realidade erótica, o período anal, concomitante à *fase de introjeção*, e o período masturbatório são autoplásticos, pois “o indivíduo procura em seu próprio corpo um substituto fantasístico para o objeto perdido” (1924/1993, p. 272). O período genital, por sua vez, seria aloplástico, visto o órgão genital permitir que se tente atingir este objetivo no mundo externo – inicialmente a partir da mãe e, depois, após a interdição do complexo de Édipo, de objetos substitutos.

4. O sentido de realidade e as adaptações ontogenéticas e filogenéticas

Embora Ferenczi (1924/1993) não apresente ou desenvolva novos estágios relativos ao desenvolvimento do sentido de realidade, tanto em seu caráter egóico quanto erótico, ele ainda desenvolve algumas hipóteses sobre a importância do mesmo em outras vivências adaptativas do sujeito. Para tal, parte do princípio de que o sentido de realidade assegura também o sucesso de algumas funções biológicas do indivíduo relacionadas à conservação e reprodução. Nesse momento, usa seu *método utraquista* (Figueiredo, 1999), que consiste em aplicar conceitos de uma área à outra, em uma espécie de retroalimentação conceitual. Nesse caso, tais áreas consistem na psicanálise e na biologia.

Ao perguntar se a ontogênese do ato sexual também possui um sentido, devido à uma notável uniformidade da mesma no reino animal, Ferenczi (1924/1993) retoma sua teoria sobre a adaptação à realidade. De acordo com o autor, seria fundamental que o ser

vivo fosse capaz tanto de realizar o ato sexual de maneira efetiva e com o empreendimento energético correto, como também que fosse capaz de realizar suas tarefas de sobrevivência. Ele comenta:

Um ser vivo que disponha de uma função genital evoluída é capaz de melhor adaptação às tarefas da existência, mesmo que em suas atividades não eróticas; pode protelar suas satisfações eróticas pelo tempo necessário e suficiente para que elas não perturbem a função de conservação. Podemos dizer, portanto, que o aparelho genital é, ao mesmo tempo, um órgão *útil* que favorece as intenções e os objetivos da função de realidade (Ferenczi, 1924/1993, pp. 282-283).

Para o autor, além de atuar em função da tentativa de regressão e da adaptação psíquica, o desenvolvimento de um sentido de realidade acabaria por igualmente assegurar o desenvolvimento sexual ontogenético e, conseqüentemente, o sucesso da reprodução e das funções de autoconservação em seu caráter orgânico. As zonas erógenas pré-genitais, ao serem parcialmente desprovidas de suas características libidinais, possibilitam que o indivíduo realize suas funções biológicas de forma consideravelmente mais efetiva. Uma semente dessa ideia pode ser encontrada em artigo anterior, no qual Ferenczi discorre sobre a ontogênese do simbolismo. Nesse texto, Ferenczi diz que “enquanto as necessidades da vida não compelem à adaptação e, logo, ao conhecimento da realidade, as crianças preocupam-se apenas com a satisfação de seus instintos, ou seja, com as partes do corpo em que essa satisfação se dá” (1913b/1916, p.235). Após o recalque da libido dessas zonas erógenas, outros objetos se tornariam símbolos delas, até que pudessem ser erotizadas novamente durante o ato sexual.

Com isso, prossegue Ferenczi (1924/1993), cada nova fase do desenvolvimento sexual consistiria em uma realização, ainda que parcial, do objetivo final da pulsão. A satisfação pulsional, ao ser evocada para tentar alcançar seu objetivo, reproduziria então toda a história de seu próprio desenvolvimento, suas lutas em cada etapa, seus deslocamentos para a zona erógena seguinte e, conseqüentemente, seu triunfo através da zona genital. Toda a história do desenvolvimento sexual seria, assim, repetida na realização do ato. É importante comentar que o nome de uma das edições de *Thalassa* foi *Catástrofes na história da evolução da genitalidade* (Figueiredo, 1999; Câmara & Herzog, 2018). Esse título, a nosso ver, reflete bem tanto o que está sendo exposto aqui quanto a essência adaptativa nas ideias de Ferenczi.

A partir desses argumentos, Ferenczi (1924/1993) faz uma importante consideração ao dizer que há também um triunfo no nascimento, e não apenas um trauma, como ele defendera até então, seguindo Freud e Alfred Adler (1870-1937). A cada nova cisão, o sujeito encontra formas mais elaboradas de viver e tentar retomar sua sensação primordial de onipotência e descobre que é possível sobreviver aos obstáculos colocados pelo mundo externo à realização dos desejos. O nascimento seria considerado um triunfo, portanto, pois ficaria registrado no psiquismo que é possível sobreviver fora do corpo materno e adaptar-se a novas situações.

O autor, contudo, admite que a combinação entre prazer e adaptação continua sendo um ponto obscuro de sua argumentação, visto que seria o desprazer, e não o prazer, que inicialmente levaria o organismo a adaptar-se. Para isso, propõe que um paralelo filogenético também seja considerado, com o objetivo de tentar preencher essa lacuna⁷. A tendência regressiva, dentro disso, seria inerente não apenas ao psiquismo e ao desenvolvimento do sentido de realidade, mas também ao próprio organismo, e se manifestaria no desenvolvimento do primeiro.

Essa tendência regressiva, por sua vez, não é concebida de modo estritamente similar a Freud. Em *Além do Princípio do Prazer* (1920/2010), como se sabe, Freud argumenta que haveria, na própria vida orgânica, uma tendência primordial de retorno ao inorgânico. Essa tendência se manifestaria essencialmente através da ação da pulsão de morte. Maireno (2017) considera ser possível constatar duas tendências regressivas no pensamento de Ferenczi, uma tendência ao Zero – mais alinhada às proposições de Freud, de retorno ao inorgânico – e uma tendência ao Um – mais alinhada às proposições do próprio Ferenczi, de retorno a um primeiro estado de completude total já evidente desde o texto sobre o sentido de realidade (Ferenczi, 1913a/1916). Dal Molin, Cromberg e Coelho (2019) argumentam que Ferenczi recusa-se a utilizar o termo *pulsão de morte* para se referir a todos os processos regressivos justamente por não conceber a regressão

⁷ Figueiredo (1999) esclarece que hipóteses filogenéticas eram parte do descartado projeto biológico conjunto de Ferenczi e Freud. Ferenczi então desenvolve considerações relativas à história da espécie dentro dos contornos de sua própria teoria, o que levou alguns autores a considerarem que algumas ideias presentes em *Thalassa*, de certa forma, são herdeiras desse projeto (Maireno, 2017; Câmara & Herzog, 2018).

como destinada exclusivamente ao retorno ao inorgânico. Essa concepção sobre a regressão fica mais evidente em *Thalassa*.

A ideia central na investigação filogenética de Ferenczi (1924/1993) é o que o autor chama de *regressão talássica*. A tendência de retornar ao ventre materno seria, a partir disso, parte de uma outra maior, a de retorno ao oceano abandonado nos tempos primitivos, no qual a vida teria inicialmente surgido. Existiria, na vida orgânica, uma atração que compelia o ser vivo a esse retorno e, antagonicamente, faria com que a vida também se desenvolvesse. Assim como na ontogênese, as fases do desenvolvimento filogenético da sexualidade também passariam por catástrofes e adaptações, até chegarem na primazia genital.

Figueiredo (1999) ressalta que as teorias biológicas em que Ferenczi se baseia, como as de Ernst Haeckel (1834/1919), fornecem dados relativos apenas às fases que a própria espécie teria passado ao longo de sua história adaptativa. Ferenczi, indica ele, passa a utilizar esses mesmos dados para argumentar, com base em suas próprias teorias, que não apenas as catástrofes e triunfos referentes a essas fases são recapitulados na ontogênese, como também as respectivas condições ambientais. Dessa forma, ele traça o paralelo ontogenético entre eles.

A partir disso, Ferenczi (1924/1993) apresenta aquisições filogenéticas que teriam resultado da superação de determinadas catástrofes e as relaciona às rupturas e triunfos ontogenéticos por ele apresentados⁸. Brum aponta que “é em decorrência de uma aproximação entre a história filogenética da espécie e do percurso ontogenético do indivíduo que Ferenczi apresenta a ideia de um desenvolvimento marcado por uma série de catástrofes” (2018, p. 128). Ele correlaciona o processo ontogenético de maturação das células sexuais com o surgimento da vida orgânica. Já o próximo estágio filogenético, o aparecimento de organismos unicelulares, é correlacionado com o nascimento das células germinais maduras nas gônadas. E a fecundação é correlacionada ao início da reprodução sexuada no plano ontogenético. O desenvolvimento da vida marinha teria como

⁸ Para isso, o autor também se apoia em diversos estudos da biologia e da zoologia, além de analisar funções orgânicas de forma mais aprofundada. Como o foco do presente artigo não é investigar suas referências (e inferências) biológicas, mas sim o desenvolvimento do sentido de realidade, apresentamos apenas a correlação final que Ferenczi faz entre as catástrofes filogenéticas, seus equivalentes ontogenéticos e sua influência na função de realidade.

correspondente ontogenético, como já considerado anteriormente, o desenvolvimento do embrião no útero. A necessidade de adaptação após a secagem dos oceanos seria repetida, portanto, no nascimento. O surgimento gradual de órgãos genitais nas espécies se repetiria ontogeneticamente através do desenvolvimento gradual do primado da zona genital. A era glacial, por fim, corresponderia ao período de latência, e a maior dedicação à autoconservação e às atividades civilizatórias ⁹.

Haveria então, segundo Ferenczi (1924/1993), uma espécie de hereditariedade, tanto dos traços mnêmicos relativos aos traumas quanto das soluções encontradas para suas respectivas superações. O princípio de realidade, dentro disso, seria uma espécie de herdeiro filogenético adaptativo, considerando que novos órgãos foram desenvolvidos a partir da necessidade de adaptação à realidade externa, como comenta Hartmann (1959). Trauma e catástrofe, portanto, seriam condições para a evolução e preservação da vida.

É importante destacar que os eventos traumáticos apresentados em *Thalassa* são compreendidos como estruturantes (Kupermann, 2019; Brum, 2019). Ou seja, são eventos que evocam a necessidade de que o organismo desenvolva níveis mais complexos de existência. Haveriam também os traumas desestruturantes, aprofundados na teoria do trauma, nos quais não cabe adentrar devido ao propósito do presente artigo.

As catástrofes, segundo Ferenczi (1924/1993), poderiam, por fim, ser compreendidas como rupturas do que antes era um fluxo contínuo (Verztman & Romão-Dias, 2020). Com o surgimento de um antes e um depois, manifesta-se a tendência de retomar o antes, a parte menos dividida, anterior ao acontecimento catastrófico. O depois teria como meta final sempre a completude do antes. Como indica Brum (2018; 2019), as cisões do que antes era tido como um todo proporcionariam ao indivíduo a possibilidade de uma existência mais complexa e desenvolvida. A tendência de retorno, em um movimento paradoxal, daria origem a novas formas de viver e de se adaptar à realidade externa e às adversidades por ela impostas. Gondar (2016) também considera que, além de novas possibilidades de existência subjetiva, as catástrofes proporcionariam novas formas de existência culturais.

⁹ Considerações sobre a era glacial e ao período de latência já haviam sido discutidas por Ferenczi e Freud, aparecendo também no manuscrito de Freud enviado a Ferenczi, *Neuroses de transferência: uma síntese* (Freud, 1915/1987). Figueiredo (1999) comenta haver aqui uma visão eurocentrista, por desconsiderar os povos de zonas tropicais.

Na última seção de *Thalassa*, Ferenczi (1924/1993) acrescenta que, com tudo o que foi visto até então, é possível cogitar a existência de uma espécie de *inconsciente biológico*. A tendência regressiva incidiria não apenas sobre o ser humano, mas também sobre a vida orgânica e as repetições de traumas e triunfos teriam um sentido que apenas a proposição desse inconsciente poderia satisfazer. Dessa maneira, o desenvolvimento psíquico do sentido de realidade, em seu caráter egóico e erótico, seria uma espécie de herdeiro filogenético de tendências orgânicas anteriores de adaptação, sobrevivência e reprodução. Isso fica claro em uma passagem na qual Ferenczi resume tudo o que fora abordado:

De acordo com nossas conclusões extraídas de um estudo do *sentido de realidade* e com os estudos aprofundados de Freud sobre a vida pulsional, partimos, a fim de examinar a evolução da genitalidade, do fato de que só uma excitação exterior, privação ou catástrofe, pode ter forçado o ser vivo a mudar seus modos de funcionamento e sua organização. Nossa investigação mais minuciosa incidiu sobre esse trabalho de adaptação dos seres vivos que lhes foi imposto por uma das últimas catástrofes, a secagem dos oceanos. Sustentamos que esses seres se adaptaram, por certo, à nova situação, mas com a intenção secreta de restabelecer a antiga situação de quietude nesse novo meio o mais rápida e repetidamente possível (Ferenczi, 1924/1993, p. 320).

Os processos adaptativos da vida poderiam se dar de forma autoplástica ou aloplástica. Enquanto a primeira consistiria na adaptação do próprio corpo às necessidades impostas pela realidade, a segunda, no esforço para adaptar o mundo externo aos desejos do organismo. Essa última seria a mais eficaz, visto que “transformar o mundo externo é muito mais rápido que transformar o próprio organismo” (Ferenczi, 1924/1993, p. 323). Em um texto posterior, Ferenczi (1926/1927) complementa essa ideia ao dizer que a adaptação orgânica é caracterizada por certa rigidez manifesta nos processos reflexos, ao passo que a capacidade de adaptação psíquica comporta uma disposição permanente para o reconhecimento de novas realidades e a capacidade de inibir a ação até o término do ato de pensar. Ferenczi (1930/1955), por fim, em nota póstuma, afirma que apenas um sentido de realidade bem desenvolvido pode proporcionar uma adaptação aloplástica efetiva.

5. Conclusão

As ideias de Ferenczi apresentadas ao longo desse trabalho permitem reconhecer a originalidade de sua teoria. A divisão em série de estágios do processo de sobreposição do princípio de realidade ao princípio do prazer complementa uma lacuna teórica deixada por Freud. Esse seriamento pode ser considerado um ponto chave da teoria metapsicológica de Ferenczi, que ganha seus próprios contornos e se estende por toda sua obra.

O autor também contribuiu para a compreensão de aspectos importantes do desenvolvimento do psiquismo ao tentar elucidar como ocorre a adaptação do indivíduo à realidade externa, tanto em seu caráter egóico quanto erótico. Tal processo adaptativo estaria na base da diferenciação entre o eu e o mundo externo, da aquisição da consciência e da capacidade de conhecimento.

Ao tentar exemplificar como a vida pôde sobreviver e se desenvolver após as diversas catástrofes sofridas, tanto no plano ontogenético como no filogenético, Ferenczi leva ainda mais adiante suas hipóteses. Como ponto de destaque nessa investigação apresenta-se a sexualidade, uma vez que seria através da fecundação que a vida teria podido sobreviver por tanto tempo desde seu surgimento.

A tendência regressiva por trás desses processos traria de volta tanto os traumas sofridos quanto os triunfos sobre esses traumas, não se limitando a uma tentativa de retorno ao inorgânico, mas também a fases anteriores da vida, de maior completude. O autor considera que as capacidades psíquicas de adaptação e reconstrução frente a um trauma seriam herdeiras da capacidade biológica e, para sustentar essa hipótese, introduz a ideia de um inconsciente biológico, que carregaria a história de lutas e triunfos da espécie.

Kupermann (2019), considera que, para um psicanalista fornecer contribuições efetivas à psicanálise, ele precisa atender três vertentes: metapsicologia própria, teoria clínica capaz de lidar com quadros psicopatológicos e reflexões ético-técnico-políticas. Acreditamos que o estudo das concepções de Ferenczi sobre adaptação à realidade aqui desenvolvido pode contribuir para a difusão da originalidade de sua teoria, para o resgate da história do movimento psicanalítico e para a construção de novos caminhos de pesquisa e prática para a psicanálise atual.

Submetido em: 11/11/2020.

Aprovado em: 15/11/2021.

Referências

Almeida, M. (2009). *Sentidos da regressão. Considerações teorico-clínicas em Ferenczi, Balint e Winnicott*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.

Balint, M. (1967). Experiências técnicas de Sándor Ferenczi. In B. Wolman (Org.). *Técnicas psicanalíticas, 2*. Trad.: Marina de Camargo Celidônio (pp. 9-34). Rio de Janeiro: Imago.

Bastos, L. (1993). Transferência e desenvolvimento do ego: uma abordagem ferencziana. *Percurso*, (10), 45-49.

Brum, S. (2018). A positividade de uma vida em fragmentos. *Cadernos de psicanálise*, Rio de Janeiro, 40(39), 125-144.

Brum, S. (2019). A crise dos sentidos: uma perspectiva ferencziana. *Tempo psicanalítico*, 51(2), 224-243.

Câmara, L. & Herzog, R. (2018). Um prefácio imaginário para Thalassa. *Estudos e Pesquisas Em Psicologia*, 18(1), 244-260.

Caropreso, F. (2019). O conhecimento e o sentido de realidade no pensamento de Sándor Ferenczi. *Psicologia em estudo*, 24.

Dal Molin, E; Coelho, N. & Cromberg, R. (2019). A pulsão de morte no primeiro Ferenczi: quietude, regressão e os primórdios da vida psíquica. *Estilos da Clínica*, 24(2), 231-245.

Ferenczi, S. (1909). Introjection and transference. In E. Jones (Ed.). *Sándor Ferenczi. Contributions to psycho-analysis* (pp. 30-79). Boston: The Gorham Press, 1916.

Ferenczi, S. (1911). On obscene words. In E. Jones (Ed.). *Sándor Ferenczi. Contributions to psycho-analysis* (pp. 112-130). Boston: The Gorham Press, 1916.

Ferenczi, S. (1913a). Stages in the development of the sense of reality. In E. Jones (Ed.). *Sándor Ferenczi. Contributions to psycho-analysis* (pp. 181-203). Boston: The Gorham Press, 1916.

Ferenczi, S. (1913b). The Ontogenesis of Symbols. In E. Jones (Ed.). *Sándor Ferenczi. Contributions to psycho-analysis* (pp. 233-237). Boston: The Gorham Press, 1916.

Ferenczi, S. (1924). Thalassa, Ensaio sobre a teoria da genitalidade. In A. Cabral (Trad.). *Psicanálise III* (pp. 255-325). São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Ferenczi, S. (1926). The problem of acceptance of unpleasant ideas: advances in knowledge of the sense of reality. In J. Rickman (Ed.). *Sándor Ferenczi. Further contributions to the theory and technique of psycho-analysis* (pp. 376-379). New York: Boni and Liveright, 1927.

Ferenczi, S. (1928). The adaptation of the family to the child. In M. Balint (Ed.). *Sándor Ferenczi. Final contributions to the problems and methods of psycho-analysis* (pp. 61-76). London: Karnac Books, 1955.

Ferenczi, S. (1929). The unwelcomed child and his death instinct. In M. Balint (Ed.). *Sándor Ferenczi. Final contributions to the problems and methods of psycho-analysis* (pp. 102-108). London: Karnac Books, 1955.

Ferenczi, S. (1930). Autoplastic and alloplastic adaptation. In M. Balint (Ed.). *Sándor Ferenczi. Final contributions to the problems and methods of psycho-analysis* (p. 221). London: Karnac Books, 1955.

Figueiredo, L. (1999). *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta.

Freud, S. (1895/1950). Projeto para uma psicologia. In O. Gabbi (Trad.). *Notas a Projeto de uma psicologia* (pp. 171-260). Rio de Janeiro: Imago, 2003.

Freud, S. (1900). Sobre a psicologia dos processos oníricos. In *A Interpretação dos sonhos* (cap. VII, pp. 535-648). Porto Alegre: L&PM, 2012.

Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Obras completas* (vol. 6, pp. 13-172). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Freud, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In *Obras completas* (vol. 10, pp. 81-91). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Freud, S. (1914). Introdução ao narcisismo. In *Obras completas* (vol. 12, pp. 9-37). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Freud, S. (1915). *Neuroses de transferência: uma síntese*. Rio de Janeiro: Imago, 1987

Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. In *Obras completas* (vol. 14, pp. 120-178) São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Freud, S. & Ferenczi, S. (1994). *Correspondência - 1912-1914*. v. I, Tomo 2. Rio de Janeiro: Imago.

Gondar, J. (2016). Trauma, cultura e criação: Ferenczi com Christoph Türcke. *Tempo psicoanalítico*, 48(2), 135-148.

Gutiérrez-Peláez, M. (2013). Sándor Ferenczi y la intelectualidad húngara del siglo XX. *Affectio Societatis*, 10(18), 1.

Hartmann, H. (1956). Notes on the Reality Principle. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 11(1), 31-53.

- Herzog, R. & Pacheco-Ferreira, F. (2015). Trauma e pulsão de morte em Ferenczi. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 18(2), 181-194.
- Kupermann, D. (2003). *Ousar rir: humor, criação e psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Kupermann, D. (2019). *Por que Ferenczi?* São Paulo: Zagodoni.
- Labaki, M. (2014). Hipocrisia e trauma: elaborações para uma metapsicologia da técnica em Ferenczi. *Jornal de Psicanálise*, 47(87), 179-194.
- Likierman, M. (2012). The *here-and-now* in Ferenczi's thinking and its influence on Melanie Klein. In J. Szekacs-Weisz & T. Keve (Eds.). *Ferenczi for our time: Theory and practice* (pp. 19-25). Londres: Karnac Books.
- Maireno, D. (2017). *Pulsão de morte e seus destinos nas obras de Freud e Ferenczi*. Tese de Doutorado. Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Mészáros, J. (2014). Ferenczi in our contemporary world. *Psychoanalytic Inquiry*, 34(2), 112–121.
- Mezan, R. (1999). O inconsciente segundo Karl Abraham. *Psicologia USP*, 10(1), 55-95.
- Moreno, M. & Coelho, N. (2013). Trauma, memory, and corporeal acts: A dialogue between Freud and Ferenczi. *International Forum of Psychoanalysis*, 22(1), 17–25.
- Rachman, A. (2007). Sándor Ferenczi's contributions to the evolution of psychoanalysis. *Psychoanalytic Psychology*, 24(1), 74–96.
- Verztman, J. & Romão-Dias, D. (2020). Catástrofe, luto e esperança: o trabalho psicanalítico na pandemia de COVID-19. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 23(2), 269-290.